



Aprendizagem
EXPERIENCIAL

LEAD



DEWEY

John Dewey foi um filósofo e pedagogo, considerado o expoente máximo da escola progressiva americana. Para ele, era de vital importância que a educação não se restringisse à transmissão do conhecimento como algo acabado. O saber e a habilidade adquiridos pelo aprendiz deveriam ser integrados à sua vida como cidadão, como pessoa.

No laboratório-escola que dirigiu junto com sua esposa Alice, na Universidade de Chicago, as crianças aprendiam conceitos de física e biologia, por exemplo, presenciando os processos de preparo de lanches e refeições, que eram feitos na própria classe. Essa ligação entre teoria e prática cotidiana foi sua grande contribuição para a escola filosófica do Pragmatismo.

Aprendizagem, para Dewey, se trata de um processo de **reconstrução contínua de experiências** que ocorre permanentemente durante a ação, a interação, a reflexão e o pensamento dos indivíduos. Ela não se dá nem apenas na prática e nem apenas no pensamento, mas sim quando a pessoa é capaz de refletir sobre a ação, reorganizá-la e reconstruir a sua experiência, descobrindo **novas conexões** entre ações e consequências.



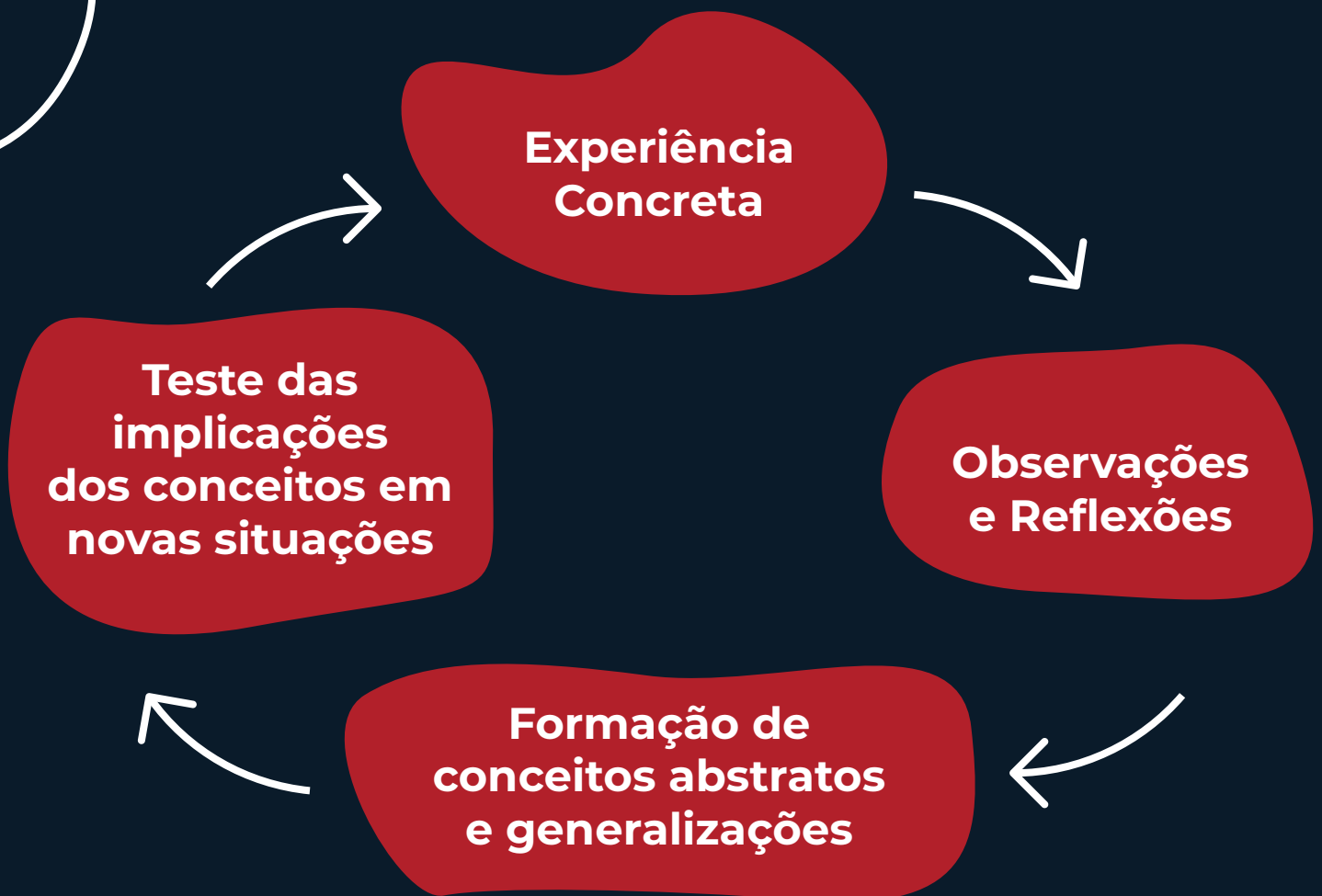


KOLB

Influenciado pelas ideias de Dewey, o teórico em educação David Kolb batiza de “aprendizagem vivencial ou experiencial” o modelo criado a partir de pesquisas que busca demonstrar como as pessoas aprendem. O nome advém da crucial importância do papel da experiência no processo de aprendizagem.

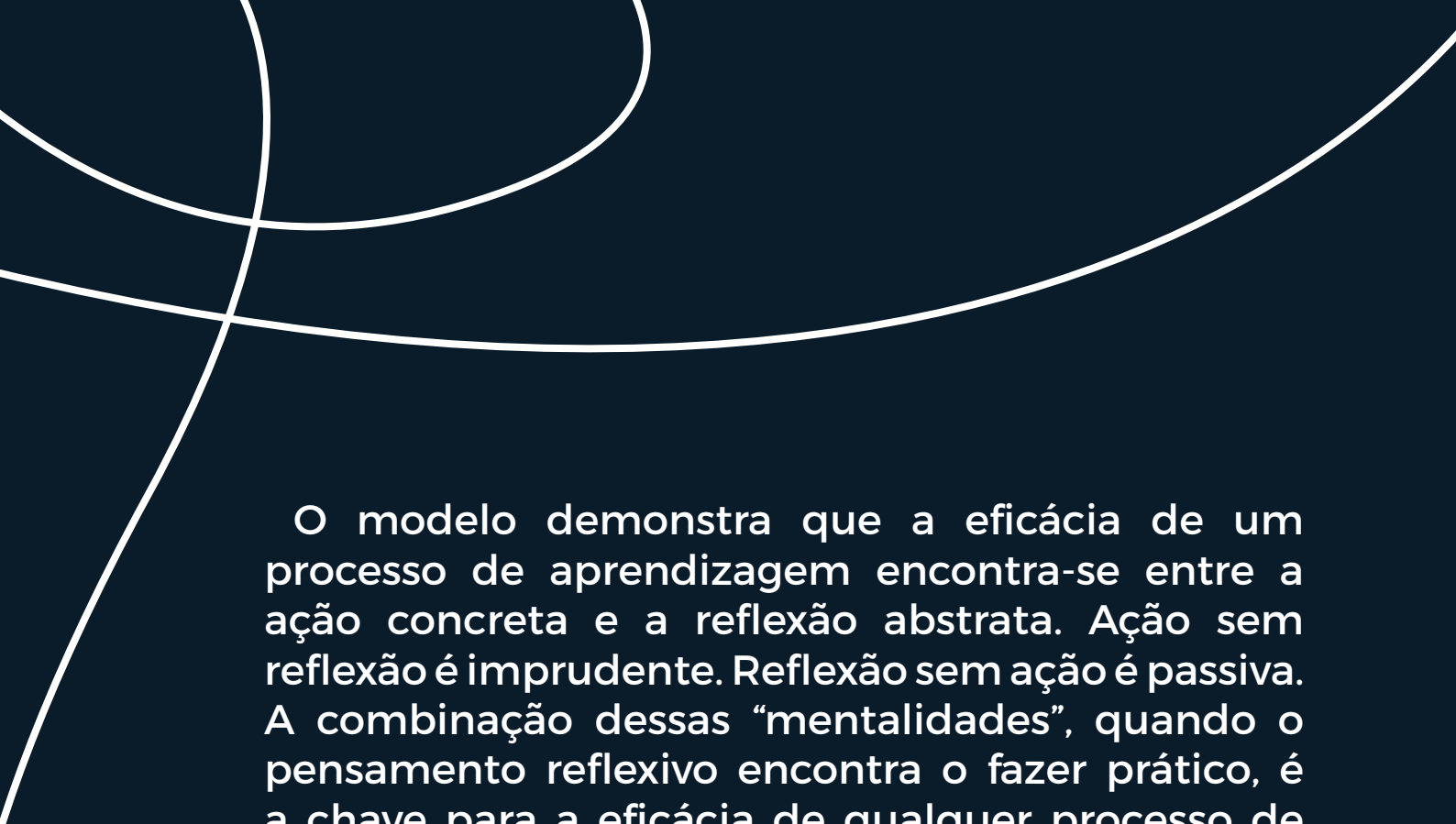
O cerne do modelo é a descrição de um ciclo de aprendizagem que demonstra como uma experiência gera reflexões, que se traduzem em conceitos os quais, por sua vez, são usados como guias na escolha de novas experiências.

O ciclo **KOLB**



A figura do “ciclo de Kolb” resume o modelo de aprendizagem experiencial que demonstra as diferentes fases do processo de aprendizagem. A experiência concreta imediata é a base da observação e da reflexão. A pessoa experiencia algo, observa e reflete sobre o que viveu. Tais observações e reflexões são conectadas com o repertório que já se possui e, então, assimiladas na forma de “teorias” ou conceitos abstratos. Esse é o momento em que o indivíduo internaliza e forma generalizações que passam a servir para direcionarem seu fazer em novas situações e experiências.





O modelo demonstra que a eficácia de um processo de aprendizagem encontra-se entre a ação concreta e a reflexão abstrata. Ação sem reflexão é imprudente. Reflexão sem ação é passiva. A combinação dessas “mentalidades”, quando o pensamento reflexivo encontra o fazer prático, é a chave para a eficácia de qualquer processo de desenvolvimento.

Nesse sentido, muitos eventos e processos de educação são falhos com relação ao equilíbrio entre a teoria e a prática. Há a necessidade de uma revisão tanto do papel do instrutor/professor, como da própria estrutura/configuração das aulas.

O papel crucial para esse processo é de um facilitador da aprendizagem, que estimula um diálogo aberto, encoraja os alunos a desempenharem um papel ativo, contribuírem com suas experiências e viverem novas situações. A aula, por sua vez, deve possuir atividades vivenciais e práticas alternativas - através do uso de estudos de caso, dramatização, jogos, atividades criativas, trabalhos em grupo, etc.

Dessa forma, estimula-se a ação e a reflexão a fim de se promover uma aprendizagem efetiva.

Por Manuela Wagner

Founder da LEAD, Mestre em Administração de Empresas pela UFRGS, Pós-Graduada em Dinâmica dos Grupos pela SBDC e administradora formada pela ESPM. Possui formação em Psychological Resilience pela Harvard Extension School (EUA) e Certificação Internacional em 6Ds pela The 6Ds Company.

Referências:

- DEWEY, J. Democracia e Educação. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.
- FORREST III, S.P.; PETERSON, T.O. It's called andragogy. Academy of Management Learning and Education. v. 5, n.1, p. 113-122, 2006
- KOLB, D. A gestão e o processo de aprendizagem. In STARKEY, K. Como as organizações aprendem. São Paulo: Futura, 1997.
- ROGLIO, K. D. D. Learning by sharing experiences: the development of reflective practice in executive MBA programs. REAd. Ed. 53, v. 12, n. 5, Set-Out, 2006.
- SCHÖN, D.A. Educating the reflective practitioner. San Francisco: Jossey Bass, 1987.



LEAD